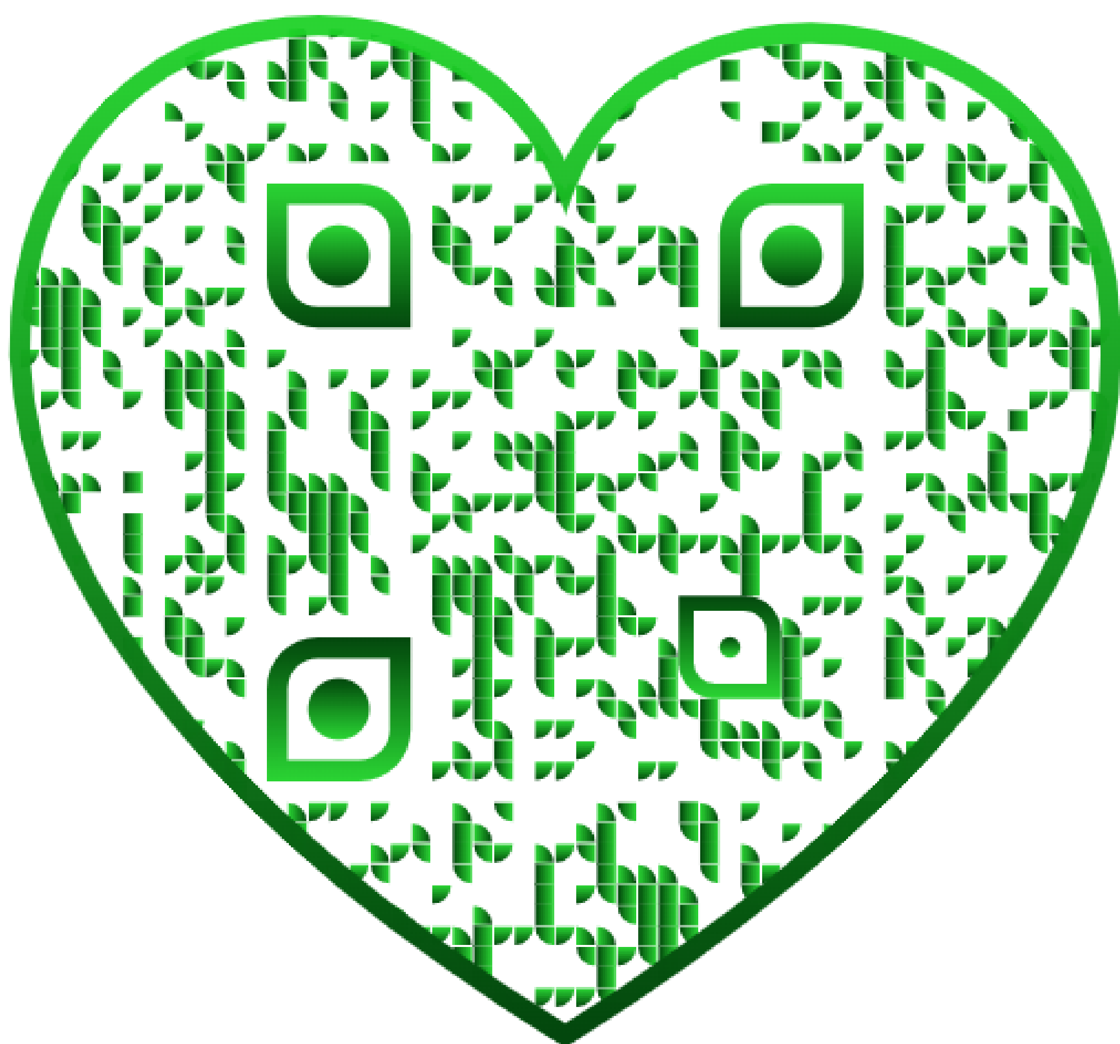


Cecília Meireles

Amor em Leonoreta

global
editora





Cecília Meireles

Amor em Leonoreta

global
editora

Amor em Leonoreta

Cecília Meireles

***

1ª edição digital
São Paulo
2014

global
editora



Acervo pessoal de Cecília Meireles

Um conceito de amor

Amor em Leonoreta (1951) ocupa um lugar especial na trajetória de Cecília Meireles. É o seu primeiro livro-poema propriamente dito, revelando aí o desejo de dar uma andadura mais narrativa à poesia, cuja culminância será o seu *Romanceiro da Inconfidência*, publicado logo depois, em 1953. Dois livros anteriores que tendem a este formato – *Cânticos* (1927) e *Morena, pena de amor* (1939) – só foram publicados bem depois e, mesmo sendo compostos por uma sequência de poemas amarrados, parecem não atender plenamente à ideia de unidade poética. Poderíamos dizer então que *Amor em Leonoreta* e *Romanceiro da Inconfidência*, nascidos de um idêntico impulso estrutural, são livros irmãos na medida em que, em ambos, a autora retroage historicamente, buscando num outro tempo signos que possam iluminar o presente.

Esta irmandade atende a um projeto unificador, principal energia lírica de Cecília Meireles. No primeiro destes livros, ela volta ao medievo, ao cancioneiro popular, a um momento linguístico fundador, em que a língua mantém um aspecto galaico-português. Não só o episódio referido é medieval (o conceito de amor entrevisto na história de Leonoreta), mas a própria língua atualiza um momento de comunhão ibérica. Tendo passado pelo Modernismo, sem nunca aderir às teses hegemônicas, Cecília está agora flertando com uma medievalidade portuguesa que concretiza o seu desejo de fazer com que a experiência brasileira daquele agora seja uma forma de agregar outras temporalidades. Num primeiro nível de leitura, a temática e a forma lírica escolhidas por Cecília trazem uma filosofia poética e existencial, como que chamando a atenção para o fato de não sermos um país recente, de participarmos, pela língua e pela literatura, de uma profundidade

histórica com a qual se tentou romper no Modernismo mais combativo. Há, portanto, um valor de manifesto neste livro, em que a autora persegue raízes de uma nacionalidade que não é vista pelos fatores externos e imediatos, mas pela densidade temporal. Ela estaria retomando o projeto romântico de coabitação do passado lusitano que encontramos de forma mais explícita nas *Sextilhas de Frei Antão* (1848), de Gonçalves Dias.

Já no *Romanceiro da Inconfidência*, ela volta a um momento traumático da história brasileira, quando se manifesta o primeiro grande desejo de independência do jovem país – a Inconfidência Mineira. Cecília recupera personagens, valores morais e dramas daqueles que tiveram suas vidas destruídas pelo poder colonizador, criando uma das páginas mais memoráveis da poesia brasileira de todos os tempos, mas usando para isso formatos literários arraigados na tradição lírica. Assim, mesmo em um livro que trata de episódios carregados de nacionalismo e sem negar esta carga simbólica, antes adensando-a, Cecília agasalha os episódios históricos em um formato antigo, permitindo que se conclua que a afirmação do nacional não pressupõe uma negação das origens internacionais.

Estes dois livros-poema, que afirmam a sobreposição de raízes de culturas que tomaram caminhos independentes, trazem na sua própria forma um reforço semântico. Contra a escola do fragmentário, das dissonâncias modernistas de linguagem, a autora busca um livro que apresente um sentido de conjunto, que possa ser lido como uma narrativa, restaurando características do gênero poético medieval chamado romance.

Esta natureza bifrontal do *Romanceiro da Inconfidência* (episódios históricos nacionais e nacionalistas em um instrumental lírico medieval e ibérico) denuncia a concepção de tempos

sobrepostos, inultrapassáveis, que orientou a vida e a poesia de Cecília Meireles. Assim, *Amor em Leonoreta*, como foi dito inicialmente, é um livro central de sua poética. Embora o tema e os formatos próprios do trovadorismo medieval tenham aparecido antes em sua poesia (o que pode ser visto por títulos como: “Canção”, “Cantiga”, “Cantar”), tal como estuda Maria do Amparo Tavares Maleval,[1] é neste pequeno volume de 1951, publicado artesanalmente (numa edição de 116 exemplares), que a autora afirma de maneira programática estas conexões de língua e de sensibilidade com um período nascente da cultura ibérica. Selando esta significação, o livro é dedicado a dois intelectuais portugueses, o herdeiro de Camilo Pessanha, que coligiu a sua poesia dispersa, João Osório de Castro, e o crítico e grande divulgador da literatura brasileira, José Osório de Oliveira, autor de obras referenciais como *Pequena antologia da moderna poesia brasileira* (1944), *Literatura brasileira* (1926) e *História breve da literatura brasileira* (1956). Como um todo, *Amor em Leonoreta* traz uma latitude lusitana.

A pergunta que se deve fazer, para poder situar esta obra, é o que permitiu que Cecília Meireles, que sempre manteve uma relação produtiva com Portugal, a despeito das rivalidades nacionalistas dos anos de 1920 e 1930, só radicalizasse esta orientação nos anos 1950. Para isso é preciso entender o contexto nacional e internacional da poesia daquele período.

A partir dos anos 1940, começa uma negação sistemática dos nacionalismos, uma vez que esta ideologia, tão forte nas duas décadas anteriores, tinha levado a humanidade às mais traumáticas experiências com a Segunda Guerra Mundial. Nacionalismo passa a ser uma palavra maldita, turvada pelas atrocidades do fascismo e do nazismo. Toda uma produção, teórica e artística, que vinha sob este signo sofre uma crítica e uma consequente mudança de rumo. Um

Mário de Andrade, que inicia a sua militância poética com *Pauliceia desvairada* (1922), defesa estética do fragmento, da descontinuidade, do ruído modernista e também da particularidade industrial de São Paulo (a juventude urbanística total), conclui o seu périplo com *Lira paulistana* (1945), um volume inversamente proporcional ao de estreia, que agora valoriza os laços líricos de sua São Paulo da maturidade com o passado das formas poéticas. Diz Maria do Amparo Tavares Maleval, no trabalho já citado: "Em alguns dos seus poemas de *Lira paulistana*, é visível o diálogo com Martin Codax, jogral galego do século XIII". Esta outra São Paulo, que não é mais a cidade do marco zero, tem ligação com o medieval.

Se Mário de Andrade conclui com este livro a idade modernista, uma outra idade se inicia com os jovens reunidos em torno da Geração de 45, poetas que propunham o retorno às fontes líricas, a um homem universal, que não tivesse uma coloração localista, e também aos grandes temas da humanidade, que haviam sido desprezados em nome do local. Esta geração jovem não quer ser brasileira por exclusão xenófoba, mas brasileira por participação em outros espaços e outros tempos. Os valores da Geração de 45 confirmam a poética integradora de Cecília Meireles, abrindo um campo de recepção novo, sem recalques, o que permite que ela exerça plenamente suas inclinações líricas. Foi neste período que ela pôde ampliar as suas conexões lusitanas, sem receio de patrulhamentos estéticos, experimentando-se em uma identidade medieval, tal como acontece em *Amor em Leonoreta*.

Idêntico movimento de retomada lírica floresce em Portugal por esta quadra. Os poetas David Mourão-Ferreira, António Manuel Couto Viana, Ruy Cinatti, Fernanda Botelho e Alberto de Lacerda fundam a revista *Távola Redonda* (1950-1954), em torno da qual nasce um movimento que buscou valorizar o lirismo da tradição

portuguesa, voltando aos cancioneiros medievais, aos clássicos da língua, mas sem descuidar dos grandes poetas líricos estrangeiros, como Eliot e Rilke. O próprio nome da revista é já uma referência ao medievo, à alma trovadoresca que se quer restaurar, dando-lhe um valor de atualidade, pois permitia o encontro de gerações distantes no tempo ao redor da mesma mesa, essa távola unificadora.

Com uma presença dupla, em Portugal e no Brasil, Cecília Meireles publica quatro poemas no fascículo 12 da revista, em março de 1952, tal como informa Jayme Ferreira Bueno,[2] participando assim deste projeto de retomada de um preceito lírico avesso aos particularismos. Ela se reúne, junto com outros poetas brasileiros, ao redor deste credo na poesia de nossas origens comuns. Estes dois movimentos (a Geração de 45, no Brasil, e a Távola Redonda, em Portugal) confirmam uma poética que Cecília Meireles vinha pondo em prática de maneira um tanto solitária. As formas tradicionais ganham um status de modernidade. É um momento consagrador da poesia e da ideologia anímica de Cecília Meireles, depois de um período cultural majoritariamente materialista.

Amor em Leonoreta é o portal de entrada para o medieval luso, um túnel do tempo que une duas idades, eliminando as distâncias. Não há interregnos entre o século XIII, de onde vem "A Canção de Leonoreta", e o século XX, de onde Cecília Meireles escreve. Trata-se de um único tempo, cerzido pelo fio forte da poesia. Como se sabe, o refrão de seu poema, a partir do qual ela vai construir o livro, vem de uma peça produzida por João Lobeira, trovador do século XIII:

> Senhor genta,
>   min tormenta
> voss'amor em guisa tal
>   que tormenta

que eu senta
outra non m'é ben, nen mal,
mays la vossa m'é mortal:
Leonoreta,
fin roseta,
bella sobre toda fror,
fin roseta,
non me metta
en tal coisa voss'amor!

Das que vejo
non desejo
outra senhor se vós non,
e desejo,
tan sobejo,
mataria huu leom,
senhor do meu coraçon:
Leonoreta,
fin roseta,
bella sobre toda fror,
fin roseta,
non me metta
en tal coisa voss'amor!

Mha ventura
en loucura
me meteo de vos amar;
é loucura,
que me dura,
que me non posso en quitar,
ay fremosura sem par:
Leonoreta,
fin roseta,
bella sobre toda fror,
fin roseta,
non me metta
en tal coisa voss'amor!

Joam de Lobeyra

Cecília chega a este poema pela novela *Amadis de Gaula*, de 1508, segundo a versão apresentada por Garcí Rodríguez de Montalvo, mas que remonta a séculos anteriores. Segundo Maleval: “a pequena Leonoreta, irmã de Oriana-a-sem-par, amada de Amadis, ganhara deste o poema, em meio às brincadeiras na corte do rei seu pai, esclarecendo Montalvo, em estrofe não encontrável no texto de Lobeira, que outra era a destinatária do poema (na verdade, era uma declaração de amor a Oriana, que o namorava às escondidas dos pais)”. A figura de Leonoreta criada por João Lobeira sofre acréscimos em Amadis de Gaula. Na novela, ela é depositária de um amor que não foi despertado por ela. Recebe um amor em estado puro, sem as motivações carnais, sem que o suporte de seu corpo conte para a construção deste discurso amoroso. Veremos que é este o sentido retomado por Cecília Meireles.

A primeira coisa que chama a atenção neste livro de Cecília é a preposição presente no título. É a versão de um amor *em* Leonoreta. Consultado, Antonio Carlos Secchin diz que este *em* poderia significar “na história de”, “no poema de”, tendo Cecília tido a intenção de localizar numa tradição poética e novelesca aquilo que ela vai enaltecer. Tal interpretação não descarta a ambiguidade que esta preposição cria, principalmente a quem ainda não está informado sobre as particularidades deste modelo de amada. Leonoreta surge como um lugar, produzindo no leitor um estranhamento que num primeiro momento é espacial (onde fica Leonoreta?), para depois ser também temporal, quando ele se deparar com a motivação e a linguagem com ressonâncias medievais do livro. Mais do que uma mera personagem, Leonoreta nomeia uma vacância. É uma imagem neutra do amor, uma espécie de utopia amorosa, uma mulher fora do plano terreno. Um não lugar, um planeta distante, fora de nosso alcance:

De que estrela,
ou que mundo, ou que planeta,
Leonoreta,
é nascida a branca flor
em que, antes de a amar, se pensa,
mesmo sem precisar vê-la...?3

Toda a estrutura de imagens ligadas a Leonoreta aponta para o escuro, o nebuloso, o sonho, a inexistência. Estes signos, que seriam negativos, assumem um valor positivo para a persona poética masculina que fala no poema, um homem que se dirige a uma amada mais impossível do que as demais, porque feita toda ela de alma ("por alma te procuro"), de poesia, de arte. Leonoreta é o lugar de linguagem da amada, é uma figura etérea, na qual o eu vestido de trovador projeta a natureza perfeita do amor: "Amor é arte".

O poema é um diálogo com esta mulher-miragem, a quem se pede a liberdade em relação aos sofrimentos amorosos, em relação ao peso da carne, que se faz cinza na ampulheta do tempo, como uma forma de preservar-se eterno. Cecília cria um poema em que tenta integrar-se não a um amado ou uma amada real, mas a um conceito branco (neutro) de amor. Ela busca esta essência que transcende. Amar no plano do pensamento ("Mas, para que eterna vivas,/ que é preciso?/ Que pensem meus pensamentos.")4 é a única garantia de permanência.

Nesta ótica, o mundo material se torna inseguro e o mundo da arte (da palavra – ela dirá em *Romanceiro da Inconfidência*: "Ai, palavras, ai, palavras,/ que estranha potência, a vossa!")5 é que dá algum conforto. O ser só se manifesta plenamente na imaterialidade, neste sopro de comunicação artística.

A Leonoreta de Cecília Meireles é assim um lugar literário utópico, uma afirmação da literatura, da palavra, este grande nada que é tudo – tal como define Fernando Pessoa o mito, em "Ulisses", no livro

Mensagem (1934). Ao se valer de elementos do português medieval, ela estava atestando este poder de permanência. Naquilo que já desaparecera, e que continua vibrando, é que se encontra a plenitude.

Miguel Sanches Neto

---

1 "O (desen)canto medieval na poesia de Cecília Meireles". In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 134-145, 1o semestre de 2003.
2 BUENO, Jayme Ferreira. *Távola Redonda:* uma experiência lírica. Curitiba: Educa, 1983.
3 MEIRELES, Cecília. "II". In: ______. *Amor em Leonoreta*. São Paulo: Global Editora, 2013, p. 29.
4 Idem. "VI". In: Ibidem, p. 39.
5 Idem. "Romance LIII ou Das palavras aéreas". In: ______. *Romanceiro da Inconfidência*. São Paulo: Global Editora, 2012, p. 150.

A
João de Castro Osório
e
José Osório de Oliveira

Leonoreta, fin'roseta,
bela sobre toda fror,
fin'roseta, non me meta
en tal coita vosso amor!

(do *Amadis de Gaula*)

I

Pela noite nemorosa,
só por alma te procuro,
ai, Leonoreta!
Leva a seta um rumo claro,
desfechada no ar escuro...
O licorne beija a rosa,
canta a fênix do alto muro:
mas é tal meu desamparo,
Leonoreta, fin'roseta,
que a chamar não me aventuro.

Rondo em sonho a tua porta,
por silêncios esvaída.
Ai, Leonoreta,
sejas viva, sejas morta,
apesar de sofrer tanto,
puro amor é minha vida.
Com três séculos de pranto,
fez-se de sal a espineta
que me acompanhava o canto.

Leonoreta, fin'roseta,
branca sobre toda flor,
ai, Leonoreta,
nos bosques atrás do mundo,
por mais que eu não to prometa,
encontrarás meu amor,
desgraçado mas jucundo,
sem desgosto e sem favor.
Leonoreta, não te meta

en gran coita a minha dor!

O licorne beija a rosa,
canta a fênix do alto muro...
Ai, Leonoreta,
salamandras e quimeras
vêm saber o que procuro.
Pela noite nemorosa,
tornam-se os picos das eras
vales rasos de violeta...
Não me digas que me esperas!
Não me acenes com o futuro...

Eu sou das sortes severas,
Leonoreta, fin'roseta.
Ai, Leonoreta,
e só do sonho inseguro.

II

Do teu nome não sabia,
mas buscava tua face.
E, algum dia,
se de ti me aproximasse,
Leonoreta, fin’roseta,
“Leonoreta!” –
exclamaria.

Meus olhos, ricos de amor,
sofriam de indiferença.
De que estrela,
ou que mundo, ou que planeta,
Leonoreta,
é nascida a branca flor
em que, antes de a amar, se pensa,
mesmo sem precisar vê-la...?

Das varandas da alta lua,
recordo o estremecimento:
era a tua
voz que me trazia o vento.
Fin’roseta!
Esta, que apenas flutua,
mais leve que borboleta;
que, longe, nada insinua...
– esta é a voz de Leonoreta!
Podia morrer de pena.
E comecei a cantar-te.
Amor é arte.
Mas a vida é tão pequena,

bela sobre toda flor!
– tão pequena para amar-te...
E em toda parte
causa espanto o meu amor.

Se como te ouvi me ouviras,
mais feliz não me fizeras.
Sei que é tanto
meu amor que, noutras eras,
Leonoreta,
viverás por esse encanto.
Mas é tão de outras esferas,
fin'roseta,
que não se ama, por enquanto...

Nem de ti desejo nada
senão saber que exististe.
A adorada
ausência não me põe triste.
Nem te meta
en gran coita, Leonoreta,
se te vi mas não me viste:
que foste a mais derrotada...

Pois, se vi que me não queres,
tu não viste como te amo...
Leonoreta,
só terei do que me deres,
que, por mim, nada reclamo.
Meu amor é flor sem ramo,
fin'roseta!
Por alheia não me feres:
sei teu nome e não te chamo.

Leonoreta, que doçura,
andar por onde estiveste!
A mais pura
imagem do amor celeste,
Leonoreta,
é minha humana aventura.
Sem fogo que o lírio creste,
sem que o sangue comprometa
o sonho, pela criatura...

Ai, Leonoreta, quem eras,
Leonoreta, fin'roseta,
entre esfinges e quimeras,
branca sobre toda flor?
Teu semblante choraria
de alegria,
se te visses debuxada
pelo meu poder de amor.

Tu, que me não deste nada!
Que nem viste quem te via!

Leonoreta,
não te meta
en gran coita a minha dor:
se te amava, não sofria...

III

Leonoreta,
fin’roseta,
longe vai teu vulto amado.
Porém resiste ao meu lado
o espaço que ocuparias.

Leonoreta,
fin’roseta,
como poderei ser triste,
se a tua sombra resiste
e tu não resistirias?

Leonoreta,
fin’roseta,
não mais penso por onde andas...
Guardo por altas varandas
tua fala em meus ouvidos.

Leonoreta,
fin’roseta,
como os puros amadores,
eu vivo a bordar de flores
a sombra dos teus vestidos.

Leonoreta,
fin’roseta,
feliz da barca e da vela,
do vento que leva a bela
mão sobre saudosos mares...

Leonoreta,

fin’roseta,
não me vês, mas eu te vejo.
Não te quero nem desejo:
morrerei, se suspirares.

IV

Morrerei, se suspirares.
Pois, se és o meu grande bem,
se eu te vejo sobre os mares,
Leonoreta,
se mais ninguém
para mim valia tem,
fin'roseta,
sofrendo por te afastares,
bela sobre toda flor
(que todos os meus pesares
são por saudade do amor),
Leonoreta,
se também
por mim visse que sofrias,
quando tudo é tão de além...

Leonoreta,
não te meta
en gran coita a minha dor...

Não venhas por onde eu for,
que eu nunca fui por onde ias!
Não venhas, que és o meu bem,
ai!
outras são as companhias,
porém.

Leonoreta,
fin'roseta:
olha os sonhos singulares

que existem porque não vêm...

V

Pela celeste ampulheta,
flui-me a vida em cinza breve,
sem que eu saiba aonde me leve,
Leonoreta,
o enlevo – que foi tão raro,
o sonho – que era tão certo,
– o amor – que, apesar de claro,
nem foi visto, de encoberto.

Desconheço a quem remeta
a experiência a que me entrego:
todos querem amor cego,
Leonoreta,
e o meu é clarividente.
Amor cego, fiel, cativo,
todos querem. E eu, somente,
sei do isento e sem motivo...

Grave amor que não submeta
asas próprias nem alheias,
amor de límpidas veias,
Leonoreta,
onde o tempo é eternidade,
e alegrias e tristezas
são igual felicidade,
indelevelmente acesas.

Que meteoro, que cometa
conhece campo florente
em que prospere a semente,

Leonoreta,
deste amor que te proponho?
Amor que apenas contemplo,
em que sou meu próprio sonho,
flor de meu silêncio e exemplo?

VI

Leonoreta,
fin’roseta,
deixo meus olhos fechados
sobre os acontecimentos.

Não te meta
en gran coita o meu amor:

podem, por todos os lados,
duros, tenebrosos ventos
quebrar muitas tentativas.

Mas, para que eterna vivas,
que é preciso?
Que pensem meus pensamentos.

E entre polos inviolados,
entre equívocos momentos,
vem e volta a vida humana,
que se engana e desengana
em redor do Paraíso.

Branca sobre toda flor,
a Verônica levanto,
num transparente estandarte:
celebro por toda parte
a alegria de adorar-te
com o meu pranto.

VII

Pela celeste ampulheta,
cai a cinza dos meus dias.
Cai a cinza do meu corpo,
da minha alma, Leonoreta,
e o tempo é um límpido sopro
que liberta de alegrias
e de queixas...

Leonoreta,
fin'roseta,
alta estrela, a minha sorte!

Pela celeste ampulheta,
vai-se a luz da primavera...
A ventura que se aprende
nos adeuses, Leonoreta,
vale o que neles se perde...
Tudo quanto sou te espera,
e me deixas...

Leonoreta,
não te meta
en gran coita a minha dor.

Puro sonho, a minha morte,
pura morte, o meu amor.

Cronologia

1901

A 7 de novembro, nasce Cecília Benevides de Carvalho Meirelles, no Rio de Janeiro. Seus pais, Carlos Alberto de Carvalho Meirelles (falecido três meses antes do nascimento da filha) e Mathilde Benevides. Dos quatro filhos do casal, apenas Cecília sobrevive.

1904

Com a morte da mãe, passa a ser criada pela avó materna, Jacintha Garcia Benevides.

1910

Conclui com distinção o curso primário na Escola Estácio de Sá.

1912

Conclui com distinção o curso médio na Escola Estácio de Sá, premiada com medalha de ouro recebida no ano seguinte das mãos de Olavo Bilac, então inspetor escolar do Distrito Federal.

1917

Formada pela Escola Normal (Instituto de Educação), começa a exercer o magistério primário em escolas oficiais do Distrito. Estuda línguas e em seguida ingressa no Conservatório de Música.

1919

Publica o primeiro livro, *Espectros*.

1922

Casa-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias.

1923

Publica *Nunca mais... e poema dos poemas*. Nasce sua filha Maria Elvira.

1924

Publica o livro didático *Criança meu amor...*. Nasce sua filha Maria Mathilde.

1925

Publica *Baladas para El-Rei*. Nasce sua filha Maria Fernanda.

1927

Aproxima-se do grupo modernista que se congrega em torno da revista *Festa*.

1929

Publica a tese *O espírito vitorioso*. Começa a escrever crônicas para *O Jornal*, do Rio de Janeiro.

1930

Publica o ensaio *Saudação à menina de Portugal*. Participa ativamente do movimento de reformas do ensino e dirige, no *Diário de Notícias*, página diária dedicada a assuntos de educação (até 1933).

1934

Publica o livro *Leituras infantis*, resultado de uma pesquisa pedagógica. Cria uma biblioteca (pioneira no país) especializada em literatura infantil, no antigo Pavilhão Mourisco, na praia de Botafogo. Viaja a Portugal, onde faz conferências nas Universidades de Lisboa e Coimbra.

1935

Publica em Portugal os ensaios *Notícia da poesia brasileira* e

Batuque, samba e macumba.

Morre Fernando Correia Dias.

1936

Trabalha no Departamento de Imprensa e Propaganda, onde dirige a revista *Travel in Brazil*. Nomeada professora de literatura luso-brasileira e mais tarde técnica e crítica literária da recém-criada Universidade do Distrito Federal, na qual permanece até 1938.

1937

Publica o livro infantojuvenil *A festa das letras*, em parceria com Josué de Castro.

1938

Publica o livro didático *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Conquista o prêmio Olavo Bilac de poesia da Academia Brasileira de Letras com o inédito *Viagem*.

1939

Em Lisboa, publica *Viagem*, quando adota o sobrenome literário Meireles, sem o *l* dobrado.

1940

Leciona Literatura e Cultura Brasileiras na Universidade do Texas, Estados Unidos. Profere no México conferências sobre literatura, folclore e educação.

Casa-se com o agrônomo Heitor Vinicius da Silveira Grillo.

1941

Começa a escrever crônicas para *A Manhã*, do Rio de Janeiro.

1942

Publica *Vaga música*.

1944

Publica a antologia *Poetas novos de Portugal*. Viaja para o Uruguai e a Argentina. Começa a escrever crônicas para a *Folha Carioca* e o *Correio Paulistano*.

1945

Publica *Mar absoluto e outros poemas* e, em Boston, o livro didático *Rute e Alberto*.

1947

Publica em Montevidéu *Antologia poética (1923-1945)*.

1948

Publica em Portugal *Evocação lírica de Lisboa*. Passa a colaborar com a Comissão Nacional do Folclore.

1949

Publica *Retrato natural* e a biografia *Rui: pequena história de uma grande vida*. Começa a escrever crônicas para a *Folha da Manhã*, de São Paulo.

1951

Publica *Amor em Leonoreta*, em edição fora de comércio, e o livro de ensaios *Problemas da literatura infantil*.

Secretaria o Primeiro Congresso Nacional de Folclore.

1952

Publica *Doze noturnos da Holanda & O Aeronauta* e o ensaio "Artes populares" no volume em coautoria *As artes plásticas no Brasil*. Recebe o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade de

Délhi, na Índia, e o Grau de Oficial da Ordem do Mérito, no Chile.

1953

Publica *Romanceiro da Inconfidência* e, em Haia, *Poèmes*. Começa a escrever para o suplemento literário do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e para *O Estado de S. Paulo*.

1953-1954

Viaja para a Europa, Açores, Índia e Goa.

1955

Publica *Pequeno oratório de Santa Clara*, *Pistoia, cemitério militar brasileiro* e *Espelho cego*, em edições fora de comércio, e, em Portugal, o ensaio *Panorama folclórico dos Açores: especialmente da Ilha de S. Miguel*.

1956

Publica *Canções* e *Giroflê, giroflá*.

1957

Publica *Romance de Santa Cecília* e *A rosa*, em edições fora de comércio, e o ensaio *A Bíblia na poesia brasileira*. Viaja para Porto Rico.

1958

Publica *Obra poética* (poesia completa). Viaja para Israel, Grécia e Itália.

1959

Publica *Eternidade de Israel*.

1960

Publica *Metal rosicler*.

1961

Publica *Poemas escritos na Índia* e, em Nova Délhi, *Tagore and Brazil*.

Começa a escrever crônicas para o programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação e Cultura.

1962

Publica a antologia *Poesia de Israel*.

1963

Publica *Solombra* e *Antologia poética*. Começa a escrever crônicas para o programa *Vozes da cidade*, da Rádio Roquette Pinto, e para a *Folha de S.Paulo*.

1964

Publica o livro infantojuvenil *Ou isto ou aquilo*, com ilustrações de Maria Bonomi, e o livro de crônicas *Escolha o seu sonho*.

Falece a 9 de novembro, no Rio de Janeiro.

1965

Conquista, postumamente, o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Bibliografia básica sobre Cecília Meireles

ANDRADE, Mário de. Cecília e a poesia. In: ______. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, [1946].

______. Viagem. In: ______. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, [1946].

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (Org.). Cecília Meireles. In: ______. *Poetas do modernismo:* antologia crítica. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. v. 4.

______. *Poesia e estilo de Cecília Meireles:* a pastora de nuvens. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

______. *Três poetas de* Festa*:* Tasso, Murillo e Cecília. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BERABA, Ana Luiza. *América aracnídea:* teias culturais interamericanas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BONAPACE, Adolphina Portella. *O* Romanceiro da Inconfidência*:* meditação sobre o destino do homem. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: ______. *Céu, inferno:* ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

BRITO, Mário da Silva. Cecília Meireles. In: ______. *Poesia do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CANDIDO DE MELLO E SOUZA, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo (Orgs.). *Cecília Meireles. Presença da literatura brasileira 3:* Modernismo. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARPEAUX, Otto Maria. Poesia intemporal. In: ______. *Ensaios reunidos:* 1942-1978. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.

CASTELLO, José Aderaldo. O Grupo Festa. In: ______. *A literatura brasileira:* origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.

CASTRO, Marcos de. Bandeira, Drummond, Cecília, os contemporâneos. In: ______. *Caminho para a leitura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CAVALIERI, Ruth Villela. *Cecília Meireles:* o ser e o tempo na imagem refletida. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. Cecília Meireles. In: ______. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Nacional, 2006.

______. Cecília Meireles. In: ______. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras:* 1711-2001. São Paulo: Escrituras, 2002.

______. O “eterno instante” na poesia de Cecília Meireles. In: ______. *Tempo, solidão e*

morte. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão e Literatura, 1964.

CORREIA, Roberto Alvim. Cecília Meireles. In: ______. *Anteu e a crítica:* ensaios literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles:* o mundo contemplado. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

______. *De Gregório a Cecília*. Organização de Antonio Carlos Secchin e Iracilda Damasceno. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2007.

DANTAS, José Maria de Souza. *A consciência poética de uma viagem sem fim:* a poética de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Eu & Você, 1984.

FAUSTINO, Mário. O livro por dentro. In: ______. *De Anchieta aos concretos*. Organização de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FONTELES, Graça Roriz. *Cecília Meireles:* lirismo e religiosidade. São Paulo: Scortecci, 2010.

GARCIA, Othon M. Exercício de numerologia poética: paridade numérica e geometria do sonho em um poema de Cecília Meireles. In:______. *Esfinge clara e outros enigmas:* ensaios estilísticos. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

GENS, Rosa (Org.). *Cecília Meireles:* o desenho da vida. Rio de Janeiro: Setor Cultural/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura/UFRJ, 2002.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Roteiro de leitura: Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles. São Paulo: Ática, 1988.

GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal:* ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa. São Paulo: Iluminuras, 2001.

______ (Org.). *Ensaios sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2007.

______. *Pensamento e "lirismo puro" na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.

GOUVEIA, Margarida Maia. *Cecília Meireles:* uma poética do "eterno instante". Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.

HANSEN, João Adolfo. Solombra *ou A sombra que cai sobre o eu*. São Paulo: Hedra, 2005.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira:* Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LINHARES, Temístocles. Revisão de Cecília Meireles. In: ______. *Diálogos sobre a poesia brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

MANNA, Lúcia Helena Sgaraglia. *Pelas trilhas do* Romanceiro da Inconfidência. Niterói: EDUFF, 1985.

MARTINS, Wilson. Lutas literárias (?). In: ______. *O ano literário:* 2002-2003. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *A poesia metafísica no Brasil:* percursos e

modulações. Porto Alegre: Libretos, 2009.

______; UTÉZA, Francis. *Oriente e ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.

MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.

MOISÉS, Massaud. Cecília Meireles. In: ______. *História da literatura brasileira:* Modernismo. São Paulo: Cultrix, 1989.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Cecília Meireles. In: ______. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

MORAES, Vinicius de. Suave amiga. In: ______. *Para uma menina com uma flor*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

MOREIRA, Maria Edinara Leão. *Estética e transcendência em* O estudante empírico, de *Cecília Meireles*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2007.

MURICY, Andrade. Cecília Meireles. In: ______. *A nova literatura brasileira:* crítica e antologia. Porto Alegre: Globo, 1936.

______. Cecília Meireles. In: ______. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 2.

NEJAR, Carlos. Cecília Meireles – da fidência à Inconfidência Mineira, do *Metal rosicler* à *Solombra*. In: ______. *História da literatura brasileira:* da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

NEMÉSIO, Vitorino. A poesia de Cecília Meireles. In: ______. *Conhecimento de poesia*. Salvador: Progresso, 1958.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles:* a poética da educação. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001.

PAES, José Paulo. Poesia nas alturas. In: ______. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PARAENSE, Sílvia. *Cecília Meireles:* mito e poesia. Santa Maria: UFSM, 1999.

PICCHIO, Luciana Stegagno. A poesia atemporal de Cecília Meireles, "pastora das nuvens". In: ______. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PÓLVORA, Hélio. Caminhos da poesia: Cecília. In: ______. *Graciliano, Machado, Drummond & outros*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Solombra. In: ______. *Do barroco ao modernismo:* estudos de poesia brasileira. 2. ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.

RÓNAI, Paulo. O conceito de beleza em *Mar absoluto*. In: ______. *Encontros com o Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2009.

______. Uma impressão sobre a poesia de Cecília Meireles. In: ______. *Encontros com o Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2009.

SADLIER, Darlene J. *Cecília Meireles & João Alphonsus*. Brasília: André Quicé, 1984.

SECCHIN, Antonio Carlos. Cecília: a incessante canção. In: ______. *Escritos sobre poesia & alguma ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

______. Cecília Meireles e os *Poemas escritos na Índia*. In: ______. *Memórias de um leitor de poesia & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2010.

______. O enigma Cecília Meireles. In: ______. *Memórias de um leitor de poesia & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2010.

SIMÕES, João Gaspar. Cecília Meireles: *Metal rosicler*. In: ______. *Crítica II:* poetas contemporâneos (1946-1961). Lisboa: Delfos, [1961].

______. Fonética e poesia ou o Retrato natural de Cecília Meireles. In: ______. *Literatura, literatura, literatura...:* de Sá de Miranda ao concretismo brasileiro. Lisboa: Portugália, 1964.

VERISSIMO, Erico. Entre Deus e os oprimidos. In: ______. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

VILLAÇA, Antonio Carlos. Cecília Meireles: a eternidade entre os dedos. In: ______. *Tema e voltas*. Rio de Janeiro: Hachette, 1975.

YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara L. (Orgs.). *Murilo, Cecília e Drummond:* 100 anos com Deus na poesia brasileira. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica; São Paulo: Loyola, 2004.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles*. Petrópolis: Vozes, 1973.

© Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Cecília Meireles

Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org)

1ª Edição Digital, Global Editora, 2014

Jefferson L. Alves – diretor editorial
Gustavo Henrique Tuna – editor assistente
André Seffrin – coordenação editorial, estabelecimento de texto, cronologia e bibliografia
Flávio Samuel – gerente de produção
Eduardo Okuno - produção digital
Julia Passos – coordenadora editorial
Alexandra Resende e Julia Passos – revisão
Evelyn Rodrigues do Prado – capa

A Global Editora agradece à Solombra – Agência Literária pela gentil cessão dos direitos de imagem de Cecília Meireles. Imagem de capa: Fundação Biblioteca Nacional – RJ.

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

____

M453a

Meireles, Cecília, 1901-1964
Amor em Leonoreta [recurso eletrônico] / Cecília Meireles ; apresentação Miguel Sanches Neto ; coordenação editorial André Seffrin. – 1. ed. – São Paulo : Global, 2014.
recurso digital
Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-260-2015-3 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-09781
CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1

____

Obra atualizada conforme o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

global
editora

Direitos Reservados

global editora e distribuidora ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade
CEP 01508-020 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141
e-mail: global@globaleditora.com.br
www.globaleditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.
Nº de Catálogo: **3497.eb**